

CORREIO DO MEIO-DIA

SEMANARIO POLITICO. INDUSTRIAL E NOTICIOSO. DO ALGARVE

REDACTOR RESPONSAVEL: LUIZ MASCARENHAS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA—Para Portimão, por anno 1\$600 réis; semestre 990 réis; trimestre 500 réis. Para as outras localidades acréscce a importância das estam pilhas.
Correspondências de interesse particular 40 réis por linha. Anúncios 20 réis por linha metade dos preços para os assignantes.
Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, á redacção d'esta folha, em Portimão. Os originaes enviados á redacção, quer sejam ou não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

Pedimos aos srs. assignantes que se achem em debito com o 1.º e 2.º trimestre, o obsequio de nos enviarem o importe da sua assignatura em estampilhas do correio.

PORTIMÃO 16 DE JANEIRO

Vemos confirmadas felizmente as esperanças que n'este logar expozemos, quando aconselhamos aos eleitores d'este circulo a proficuidade de applicarem os seus suffragios ao benemerito homem politico que com tanto disvelo põe em serviço das coisas do Algarve, a sua energica actividade e a sua provada intelligencia.

Não desmentiu elle as aspirações dos algarvios, quando lhe confiaram dois mandatos e inauguraram um movimento politico que lhe significou as justas acquisições de gratidão que fizera nos corações dos algarvios, não prevertidos pela serpe asquerosa do egoismo e da inveja, mas dominados tão sómente pelo amor da provincia de que são filhos extremos.

O sr. João Gualberto de Barros e Cunha, deputado pelos circulos de Lagos e Silves, não passou em descanso o tempo que meditou até á abertura das camaras e apresentou quatro projectos de leicujos relatorios com provam mais uma vez os dotes intellectuaes de s. ex.ª o o seu profundo estudo em materias tão vastas e que demandam fina perspicacia.

Congratulamo-nos com os nossos correligionarios por tão digna representação dos nossos principios e das nossas aspirações e aos eleitores que descuídos de coisas publicas confiaram nas nossas indicações, deixamos lhes a prova de que não os enganamos e quão sincera e convicta era a opinião que defendiamos.

Os projectos apresentados pelo sr. Barros e Cunha referem-se:

A construção do caminho de ferro do Algarve, independente das negociações das duas Beiras.

Mandando prolongar a estrada real n.º 78 de Lagos a Sagres e a n.º 76 de Monchique á linha ferrea de Cazevel a Faro, ambas como estradas reaes de 1.ª classe.

Renovando a iniciativa do projecto que apresentou na sessão passada afim de se dar por conta do estado 8:000\$000 réis de subvenção annual para a canalisação da ria de Silves e barra de Portimão e obrigando o estado a gastar annualmente esta subvenção e o imposto de 21 de julho de 1852.

Melhorando as condições da instrucção primaria pelo augmento do subsidio aos professores, obrigação de construcção d'uma casa em condições, em cada parochia e estabelecendo penalidades aos paes que não mandam os filhos ás escolas bem como estabelecendo regalias no recenseamento militar para os que sabem ler.

Para melhoramento da barra e rio de Faro. Uma nota de interpellacção para melhoramento do porto de Lagos e enclugamento dos pantanos proximos d'aquella cidade.

São todas medidas de grande alcance para a provincia e que a camara terá na devida attenção como sempre tem acontecido aos trabalhos do sr. Barros e Cunha quando mesmo na opposição.

S. ex.ª que nos dispensa a honra de sua particular amizade e consideração, offereceu-nos a copia d'estes seus trabalhos.

Agradecemos-lhe por nós e pelos nossos leitores a quem os expozemos na nossa folha.

Projecto de lei apresentado em côrtes na sessão de 27 de janeiro de 1874 e renovada a iniciativa na sessão de 11 de janeiro de 1875 depois da approvação das commissões de fazenda e obras publicas, pelo deputado pelos circulos de Silves e Lagos o sr. João Gualberto de Barros e Cunha.

Senhores:—Em 24 de abril de 1871 tive a honra de submeter á consideração dos corpos legislativos um projecto, que foi convertido em lei, alterando a carta de lei de julho de 1862 na parte que mandava construir uma ponte na estrada do litoral sobre o rio Portimão com o imposto especial cobrado na barra de Villa Nova, o qual ficou

depois d'esse acto legislativo totalmente assignado ao juro e amortisação dos emprestimos destinados a canalisar a ria de Silves.

Propuz então que, a exemplo do que se adoptara para as obras da barra de Vianna do Castello na carta de lei de 21 de julho de 1852, da qual a lei de 7 de julho de 1862 era fiel copia, se applicasse da verba destinada ao melhoramentos de portos e rios a somma annual de 6:000\$000 réis que, juntos ao producto do imposto especial, habilitasse o governo a realisar as obras da ria de Silves, orçadas só por si em 1.070:000\$000 réis.

A camara de então, na sua prudente sabedoria, não attendeu n'esta parte com igual favor o meu projecto, e limitou se a desembaraçar o imposto especial do encargo da ponte, julgando o sufficiente para as obras da ria.

Não corresponderam a estas esperanças lisonjeiras, contra as quaes, para não prejudicar mais os meus constituintes, me abstive então de reclamar. O imposto especial, posto que tenha crescido, não tem sido bastante para se dar cumprimento á lei, e o governo despende em obras alheia á canalisação da ria de Silves o que só devia servir para pagar e garantir o emprestimo que a lei manda contractar com juro e amortisação para esse fim.

Rasão alguma existe, senhores, para dar a Vianna do Castello 4:000\$000 réis, quando o imposto especial da sua barra não tem excedido 4:000\$000 réis annuaes, e negar o subsidio a Silves e Villa Nova de Portimão, onde o mesmo imposto se tem elevado a 13:000\$000 réis.

Desde que os impostos se estabeleceram temos o seguinte quadro, tomando igual numero de annos em ambos os pontos:

IMPOSTO ESPECIAL

Annos	V.ª do Castello		Portimão	
	Carta de lei de 23 de julho de 1852	C.ª de lei de 7 de julho de 1862	C.ª de lei de 21 de julho de 1852	C.ª de lei de 7 de julho de 1862
1867—1868....	4:400\$000		11:219\$851	
1868—1869....	4:290\$000		9:155\$288	
1869—1870....	5:400\$000		9:502\$481	
1870—1871....	5:100\$000		10:516\$225	
1871—1872....	5:300\$000		10:500\$000	

1872—1873....	5:450\$000	13:500\$000
1873—1874....	6:000\$000	13:000\$000
	35:940\$000	77:393\$843

Não ha nos orçamentos do estado calculos da receita do imposto especial de Vianna do Castello anteriormente a 1867, mas, tomando igual numero de annos, de 1867-1868 até 1873 1874, demonstra se que Vianna do Castello, pagando 35:940\$000 réis, recebe dos cofres centraes réis 28:000\$000, somma quasi equivalente no imposto especial; Portimão, pagando de imposto especial 77:393\$845 réis, não recebe nada.

D'aqui resulta que, n'um ponto do reino, em Vianna do Castello, se tem camprido a mesma lei, que no outro ponto, no Algarve, não tem podido ter execução.

Em Vianna do Castello melhora-se a barra, contribuindo o cofre central com 4:000\$ réis annuaes, em Villa Nova de Portimão desvia-se o imposto especial para despesas diferentes d'aquellas a que devia ser applicado.

Se em 1862 se tivesse procedido com a justa e equitativa imparcialidade que, para mim tenho, deve dirigir os actos do poder legislativo, a ria de Silves estaria hoje navegavel, a ponte da estrada real construida, e eu não teria tido a missão desagradavel, difficil e quasi impossivel de repetir todos os annos as mesmas instancias para obter o cumprimento dos artigos expressos d'um diploma com disposições comminativas contra os ministros que o violassem.

Não darei maior desenvolvimento á serie de considerações que dimanam do favor com que se attende ao Minho e do abandono em que se deixa o Algarve. Devia pedir, que ao Algarve se desse a indemnisação, que corresponde ao imposto que Villa Nova de Portimão, Lagoa e Silves teem pago, na mesma proporção em que se teem subsidiado Vianna do Castello. Não peço.

Desde a sua promulgacção até hoje, todos os governos, impenitentes e relapsos, teem infringido a lei de 7 de julho de 1862. Devia propor a sua derogação; tambem a não propoção.

Rogo e depreco a camara, e ao governo a justiça, não já para reparar o passado mas para acudir ao futuro.

E' elevadissima a somma em que estão

FOLHETIM

A PEROLA DO VALLE DE CAMPAN

TRADUCCÃO
(Continuação)

O vestigio de lagrimas que muitas vezes se notava no papel provavam o excesso d'um soffrimento que lhe era impossivel dominar. Vendo provas d'um desespero immenso, Margarida commovida, respondia com lagrimas e não podia deixar de beijar as cartas do seu amante.

Mas mesmo esta consolação não tardou a acabar se. Um dia chega uma carta. Trazia o timbre de Alger. João annunciava que o seu regimento acabava de desembarcar em Africa, e iria immediatamente combater os arabes insurgentes, entrincheirados por detraz os muros de Zaatcha, esperavam ter muito que fazer pois os rebeldes estavam resoluídos a morrer até ao ultimo mas não entregar as armas.

A esta noticia Margarida sentiu que as forças a abandonavam. Reconheceu então que ainda havia um supplicio mais doloroso do que a ausencia d'um ente amado; era o receio de perdê-lo! Todos os dias ia orar com mais fervor aos pés da cruz protectora, pela conservação do seu desposado. Todas as noites quando entrava perguntava a Gertrudes:

—Então, João escreveu?

A boa velha abanava a cabeça, e em silenciosa desesperação, parecia dizer: «Ah! João não tornará a escrever».

Margarida tentava animal-a e dar-lhe esperanças que nem se quer ella tinha. Parecia-lhe que uma grande infelicidade a esperava.

E com effeito, estes pressentimentos, não a enganavam.

Ella voltava um dia de Baguères mais inquieta e triste do que nunca.

O céu estava toldado de immensas nuvens negras.

O vento que as impellia com a rapidez juntava os seus assobios furiosos aos roncões do trovão. A folhagem das arvores, sacudida com violencia fazia ouvir um ruido monotonico e lugubre, similhante ao barulho que faz o mar agitado.

Os relampagos que se succediam, uns após outros, presagiavam a explosão proxima da

tormenta. Margarida apressava o passo na esperança de chegar a casa antes que isto acontecesse. Trabalho inutil: pelas grandes gottas d'agua desprendidas das nuvens, reconheceu logo a approximação do furacão. N'este momento, descobre uma d'estas cavidades que se veem ordinariamente nos paizes de rochas e montanhas, onde se mette. Ha apenas alguns instantes que ali se acha, quando a tempestade rebenta com todo o furor. Derepente um clarão fulgurante incendia a atmosphera. Segue-se uma detonacção horrivel. Não ha duvida, o raio acaba de cahir proximo: Margarida sentiu o echo d'este ruido terrivel resoar no intimo da sua alma. Uma agitacção indefinida, faz com que saia do abrigo que tinha buscado: insensivel ás torrentes de chuva que a molham e lhe correm do fato, ella atravessa como louca, o espaço que a separa de Campan. Ouve ao longe uns sons medonhos e julga ver no horizonte uns reflexos vermelhos e afogueados. As primeiras pessoas que encontra, corre para ellas dando indicios de afflicção e de susto.

—E' fogo? lhes pergunta, ondeé?

Deixavam-a com gestos de compaixão.

—Proximo da minha cabana, respondia?.. talvez mesmo na minha cabana?..

E a mãe d'elle, bom Deus! o que será d'ella?

Na maior anciedade a pobre criança chegon enfim ao lugar do desastre. Adivinhara: o fogo do céu devorava a pobre casa, que estava rodeada pelos camponezes consternados.

—Mãe! brada Margarida, onde estas?

De dentro da fonalha, só lhe responde um grito de agonia.

—Espera-me, mãe! Vou salvar-te ou morrer contigo!

E antes que as pessoas que estavam mais proximas d'ella pensassem em detê-la, a heroica rapariga passa correndo por entre o brazeiro. O horror é geral. Todos n'um pasmo d'anciedade esperam o desfecho d'este drama. Não se ouve mais que o crepitar dos materiaes em combustão, no meio de novellos de fumo elevando-se em columnas do interior da cábana e donde saltam milhares de faiscas.

Passa um minuto, um seculo de impaciencia e afflicção! Enfim Margarida torna a apparecer, trazendo nos braços a sua querida mãe abrigo-a com o proprio corpo das chamas que a cercavam por todos os lados.

Mal teve tempo de confial-a aos cuidados das pessoas que lhe estavam proximas, extenuada, vencida, por este exorço supremo cahiu sem sentidos nos braços d'ellas.

Quando tornou a abrir os olhos, continuou o cura, estava no meu presbyterio, para

orçadas as obras da ria de Silves. Apesar de aviltada, como é, a verba que produz o imposto especial, não é ella sufficiente para juro e amortisação do capital indispensavel, a fim de dar aquellas obras o desenvolvimento de que necessitam.

O subsidio por parte do estado é portanto de justiça, e eu ousaria pedir o, ainda quando não tivesse o exemplo e precedente que acabo de invocar.

Desde 1863 até hoje o imposto especial de Villa Nova de Portimão tem produzido 131:308\$486 réis, ou se ha de renunciar a ella ou applical-o para o fim e na conformidade da lei que o estabeleceu.

Renunciar ao imposto é renunciar aos melhoramentos de maxima importancia, e a utilidade que d'elles deve provir ao thesouro. Semeemos portanto para colher mais tarde. Se o imposto local não basta, contribua tambem o thesouro publico, e prestemos todos assim a homenagem que se deve á boa vontade com que o povo faz sacrificios, para acudir a melhoramentos locais.

E' com este fundamento que proponho á camara o seguinte:

Projecto de lei.—Art. 1.º—Ao producto do imposto especial, creado pela carta de lei de 7 de julho de 1862, no porte de Villa Nova de Portimão, será applicada a verba de 8:000\$000 réis annual para, juntamente com o mesmo imposto, ser applicada á canalisação da ria de Silves, pela forma estabelecida na citada carta de lei.

§ unico. Este artigo fica fazendo parte integrante das cartas de lei de 7 de julho de 1862 e 14 de junho de 1871.

Sala das côrtes, 27 de janeiro de 1874.
João Gualberto de Barros e Cunha.

CORRESPONDENCIAS

SILVES, 14.—O assumpto obrigado entre nós é ainda a estrada de Lagoa. Todos procuram anciosos saber qual a sua direcção definitiva. Todos desejam que fique commoda e sem rodeios e é isso que se torna bem difficil, porque ou se hade attendr a que ella fique suave e n esse caso, tem de ir por Mata Mouros e, por tanto de fazer uma volta muito consideravel, ou a que ella fique o mais curta possivel, então, tem de ir pela ladeira de S. Pedro, ficando com o maximo declive e sujeita a formidaveis precipícios e muito mais dispendiosa. Qual pois das duas direcções é preferivel? E' isso que se trata de de resolver.

A questão é importante e merece ser atendida com toda o attenção.

Uma estrada não é obra para dois dias, é mais para o futuro do que para o presente e qualquer erro grave praticado no seu traçado é um defeito que fica constantemente ferindo a vista e transtornando a commoidade dos transeuntes.

A opinião geral é favoravel ao primeiro traçado, que é o da ladeira de S. Pedro.

Effectivamente é a direcção que nos parece mais razoavel. Que importa que a estrada se torne mais dispendiosa por este lado? Que custa mesmo mais um ou dois contos? O que peza isso no futuro dos dois muni-

onde eu a tinha mandado transportar. A velha mãe e eu, velavamos havia trez dias á cabeceira do leito, esperando o momento em que esta voltasse a si.

Creio que por sentir uma dôr muito forte o primeiro movimento que fez foi levar a mão á cara, mas como a sentisse envolvida em compressas e ligaduras que só deixavam livres, os olhos e a bocca, exclamou:

—Meu Deus!... lembro-me agora... a tempestade... o incendio... as chamas que me cercavam... Estou desfigurada!... Não é verdade?

Calamo nos ambos. O que ella dizia era a verdade... o elemento destruidor, respeitandolhe o corpo, que o fato molhado pela chuva protegia, não lhe havia, em compensação poupado a cara. Estes thesouros de belleza que tinham valido a Margarida o seu lindo cognome desapareceram para sempre. O medico, depois de pôr as primeiras ligaduras não tinha podido ainda dizer, até que ponto chegavamos estragos do fogo. Margarida viveria, mas acontecesse o que acontecesse, a Perola de Valle, tinha desaparecido.

O nosso silencio, as lagrimas que nos marcjavam os olhos, não deixavam á pobre ferida, duvida sobre o horror da sua infelicidade.

Ella levantou os olhos para o ceu com uma expressão de resignação angelica.

cipios? O que é esse excesso de sacrificio comparado com os prejuizos constantes que fica offerecendo uma estrada mal traçada e da qual muita gente tem de se desviar para incurrir as distancias? Não é muito preferivel fazer um sacrificio passageiro para evitar um inconveniente que seria eterno? E' possivel o accesso da estrada pela ladeira de S. Pedro, ficando esta segura e não excedendo o maximo do declive permittido pela lei que regula estas estradas? N'esse caso deve levar-se por este lado, é esta a nossa humilde opinião.

O sr. Macario esteve aqui ha poucos dias e foi examinar o traçado d'esta estrada; tambem hontem ali foi o sr. Menezes com o mesmo fim e informam-nos que ambos reconhecem a vantagem e mesmo a necessidade de a levar por aquelle logar.

Sabemos que o sr. Menezes se interessa muito porque esta estrada seja construida com a maior rapidez, e que, por isso, se promptica a vir bem depressa fazer as expropriações da parte em que o estudo está feito e cujo traçado não tem de soffrer alteração. Da parte das camaras depende, pois o fazer que os trabalhos principiém quanto antes; e é isso que veremos muito breve, porque as duas camaras estão da melhor harmonia e nutrem os melhores desejos a tal respeito.

—No theatro Garrett ensaia se com grande força o magnifico drama, a *Febresa Envergonhada*, que nos consta subirá a scena no dia 31 do corrente mez. Dizem-nos que se trata de organizar uma boa orchestra para este espectáculo que, a muitos respeito, promette offerecer importantes surpresas.

—Consta nos que vão a enfraquecer os trabalhos da estrada de S. Bartholomeu por falta de fundos. Não sabemos que vantagem haja em se trabalhar ao mesmo tempo em muitas estradas sem se concluir nenhuma senão passados muitos annos. Teremos estrada para muito tempo.

—Teem inspirado aqui muito interesse as importantes propostas apresentadas na camara dos deputados pelo nosso eminente representante e incansavel defensor dos interesses d'esta provincia.

(Do nosso correspondente.)

NOTICIAS DIVERSAS

Acomarca em Portimão.—Consta-nos que em Silves se recebeu uma carta de certo vulto da politica da actual situação e cremos que membro da commissão encarregada de organizar a nova divisão judiciaria assegurando que podiam os portimonenses perder as esperanças de terem cabeça de comarca porque no Algarve quando muito e difficilmente se crearia a de Villa Real de S. Antonio, unica que é de justiça e de necessidade.

Não sabemos até que ponto é certo o conteúdo da carta que nos affiançaram ter vindo, mas sendo assim perguntaremos aos homens da situação como hão de satisfazer ás suas promessas aos habitantes d'este concelho de que o governo lhes daria uma sede comarcã e que para tal se deveria votar na

—Tu o quizesse, meu Deus! disse ella, mas por piedade! permittê que João não me veja assim nunca!

—João!—repetiu Gertrudes, que immersa na afflicção que lhe dava uma catastrophe, de cuja causa ella se accusava, não tinha ouvido senão o nome do neto—não tardará muito que possamos abraçar-o.

—Então elle volta?

—D'aqui a dez dias.

Entregou a Margarida uma carta que ella leu anciosamente, tinha uma letra estranha. João, convalescente no hospital, d'uma ferida recebida no assalto de Zaatcha, e pelo que recebera uma condecoração e a baixa, informava, por um dos seus camaradas, a avó e a noiva, da sua proxima volta a casa.

A carta precedia sómente dez ou doze dias.

Acabada a leitura, Margarida ficou tão triste que não havia nada que a podesse distrahir.

—Minha filha lhe dizia eu, a belleza é uma flor passageira que os annos ou as doenças, acabam por murchar cedo ou tarde. O mais nobre adorno d'uma mulher, é o reflexo d'uma bella alma.

A que a possui, nada tem a receiar do tempo, nem das enfermidades humanas.

Ella respondia me.

Oh! senhor cura, então voz julgaes me

lista ministerial na ultima eleição e de que resultou a enorme maioria d'esta assembléa.

Se lamentamos para Portimão um tal desengano n'uma das suas mais justas aspirações, não deixamos de nos comprazer em que os povos vão conhecendo as illusões que arnam á sua credulidade os que teem por unico fim servir as proprias ambições e tornar em utilidade pessoal a boa fé e cinceridade dos que ainda confiam em promessas que não estão na mão d'esses individuos cumpril as.

Voltaremos ao assumpto em occasião mais opportuna.

Estrada entre Silves e Lagoa.—Consta-nos que os grupos politicos de Silves discordam na directriz que deve tomar a estrada ao sahir da cidade e causam receios ao engenheiro districtal de accusações de favoritismo a que a sua briosa dignidade deseja esquivar-se. E' certo que um ou outro grupo hade ver satisfeita a sua vontade, e que o contrario fará insinuações immerecidas.

D'estes embaraços se hade livrar muito dignamente o sr. Menezes resolvendo a questão pelas indicações da sciencia e dando de mão aos calumniadores que o desconsiderarem.

Fique s. ex.ª bem com a sua consciencia e o seu dever, despreze as frivolidades mesquinhas de ruins caprichos.

Escola nocturna.—Está sendo muito frequentada a escola nocturna d'esta villa.

Algumas noites que temos passado lá proximos, vemos muita gente que ali procura o alimento do espirito.

Pedido inoffensivo.—Pedem nos para publicarmos o seguinte:

«Pede-se ao actual sr. director do correio de Silves, não consinta no recinto aonde se distribue e despacha o correio, pessoas estranhas ao mesmo; como s. s.ª sabe, ha segredos que é preciso respeitar, e que pelo conhecimento das letras dos destinatarios se conhece pouco mais ou menos o objecto de que se trata; aliaz ver-nos hemos na necessidade de retirar a correspondencia, e irmos pedir que se ja enviada em uma outra mala que segundo consta ha particularmente, levando depois tudo ao conhecimento superior: repito, isto em nada desejamos offender o é apenas uma prevenção. Ahamos tambem a conveniencia de ter fora da sua porta a fresta para metter as cartas, porque de noite, com a sua porta fechada de certo se não podem metter na caixa do correio.»

Effectivamente não pôde agradar este systema de serviços dos correios que por assim dizer está em uso ou em abuso em quasi todas as direcções dos correios do Algarve.

A distribuição publica no correio e a fculdade que se dá a alguns particulares de assistirem e estarem proximos das mezas onde se faz o serviço é contrario ás recommendações officiaes de que este serviço deve ser muito secreto e privado.

Uma carta dá no seu sobrescripto muitas

pretenciosa? Se eu dava algum apreço, aos dons que o ceu me retirou, é porque lhes devia o amor do meu João... Como poderá elle amar-me, vindo-me assim?

N'este momento entrou o medico. Tomou silenciosamente o pulso á doente, e mostrou-se mais satisfeito, depois tirou as compressas collocadas sobre as queimaduras.

Quando Margarida sentiu que as feridas estavam descobertas, pediu com voz supplicante que lhe dessem um espelho.

—Ainda não... mais tarde, minha filha, respondeu com suavidade, o medico.

—Então estou tão horrenda, para que não queiram que me veja?

Ella quiz levar as mãos á cara:

Seguræe os braços, ordenou o doutor á velha e a mim, que voltavamos a cara com pena, vendo a tão differente do que era.

Margarida não se enganou com a expressão das nossas physionomias.

—Bem vos dizia eu, senhor cura, disse ella com um suspiro doloroso: é possivel que elle me ame, quando todos teem medo de me olhar?

Passaram se nove dias, durante os quaes o medico veio frequentemente tractar das feridas da doente, que se cicatrizavam pouco a pouco.

Esta, primeiramente devorada por uma agitação febril, parecia mais socegada, e já

indicações que qualquer estranho pôde aproveitar com detrimento do interesse do destinatario e uma repartição do estado não pôde nem deve prestar-se a servir de instrumento a estas coisas.

Nós pois, estendendo o pedido que nos fazem, da direcção do correio de Silves a todas do paiz lembramos ao sr. director geral dos correios a conveniencia de dar ordens terminantes n'este sentido.

Cumpre-nos comtudo declarar que não vae n'isto incriminação ao pessoal dos correios que quando muito pecca por uma boa fé bastante desculpavel.

Gremio.—Para a direcção do *Gremio Familiar de Portimão*, que tem exercicio no corrente anno, foram eleitos na ultima assembléa os srs. Luiz Filipe Pargana Teixeira e Castro, João Francisco Barbudo e Luiz Mascarenhas.

Theatro.—Deve hoje ter logar no theatro de S. Camillo a recita dos curiosos que ali funcionam n'esta epocha.

Atrevemo-nos a recomendar que a noite será agradável e que o publico sairá satisfeito d'um desempenho regular do lindo drama do nosso patricio e de duas chistosas comedias.

Na secção competente vae o annuncio.

Commenta-se.—Um vendedor de porcos havia vendido a um particular um porco que depois de morto foi reconhecido pelo fiscal de saude não ser capaz para alimentação pelo seu estado em resultado d'uma maceração que soffrera n'um quarto. Em virtude d'isto, o particular recusou-se ao pagamento com accordo do vendedor; foi um negocio particular com que nada temos. Ha porém uma circumstancia de interesse publico, que merece os nossos reparos.

A carne foi entregue ao vendedor e elle a levou para a vender novamente, aqui ou fóra.

Se a carne não estava pois capaz de servir á alimentação, porque se não mandou proceder ao seu enterramento, e se consentiu que o vendedor fosse enganar novos compradores e prejudicar a saude publica?

Nós desejamos ver cumpridos sempre rigorosamente todos os deveres do serviço publico e pômo-nos sempre ao lado da justiça embora tenhamos de desgostar amigos.

N'este caso está o nosso amigo dr. Pires fiscal de saude d'esta villa e que bem como ha pouco o defendemos com justiça, hoje o censuramos, sem comtudo deixarmos de esperar que se justificará plenamente dos commentarios que em seu desabono tem corrido.

Refirada.—Teve um mez de licença para se ausentar o dr. José Alexandrino de Avelar, medico do partido da camara d'esta villa.

Ficou encarregado da sua clientela o dr. Joaquim Gonçalves Pires.

n. Illustradinho.—Não deixa este abelhudo colleguinha dos bonecos de nos atirar

não falava da sua infelicidade. O decimo era o da chegada de João, que todos receavam lembrar-lhe. Levantou-se muito cedo, afirmando que se sustinha melhor, e que um passeio devia fazer-lhe bem. Offerecia-me para a acompanhar.

—Muito obrigada, senhor cura, me disse, ella, sinto-me forte.

Aqui está a minha boa Gertrudes que ha de querer vir commigo.

E dirigindo-se a esta, disse-lhe:

—Quereis vir, mãe?... vamos resar aos pés da cruz, do bosquezinho... ha tanto tempo que a não vejo! Creio que esta visita me dará felicidade.

E ella sahio, com uma das mãos levemente encostada ao braço da velhinha, e levando na outra um pequeno embrulho, que eu não podia descobrir o que continha.

—O que levas ahí, Margarida? perguntou-lhe a companheira.

—Sabel-o heis, quando fôr tempo, mãe. Caminharam assim, lentamente, porque a fraqueza da convalescente era ainda excessiva, não obstante ella dizer o contrario.

Em frente da cruz ajoelhou, fez uma breve oração e disse:

—Perdão, Gertrudes, se vos enganei... Abençoai a vossa netá, porque não mais tornareis a vel-a.

(Continua.)

de vez em quando sua piada sempre pifia. Cuida que nos faz massa e nós cada vez mais gostosos no bom retiro dos injuriados pelo ratão.

Agora gastou a sua graça por que nos fizemos de cor azul com a aclamação de D. Affonso. De negro nos vesteríamos nós se pudesse ser.

Ha pouco atira nos uma phrase de lupanar em calembourg com uma nossa.

Enguliu-a com sofreguidão.

Depois mette nos no Hig-life.

Esta foi a maior injuria.

Tem muito espirito o sr. D. Illustradinho.

Continue que nos dá gosto.

Estada.—Estiveram entre nós do domingo passado em passeio de recreio os nossos amigos de Lagos Diogo Guerreiro, Marcelino Peres, Francisco Alberto, alferes Silva, Fernando Oliveira e João Gaspar.

Offenseixe.—Já baixou a direcção das obras publicas a ordem para se proceder ao concerto da igreja d'aquella freguezia que é de tamanha urgencia e que as intrigas politicas haviam demorado a attenção do governo instada pelo sr. Barros e Cunha a quem aquelles povos se dirigiram em tão justo pedido.

Felicitemos.

O deficit.—Ora ali está em que deram as blazonices dos do Pimpão com respeito ao deficit que era morto e que o novo orçamento do estado appareceria sem elle!

Pois todos se enganaram; o brejeiro lá se sentou entre os regeneradores que tanto dizem odeial-o e com quem o patife parece estar em melhor commodidade.

Já é fingimentos de patuscos; declaram guerra ao lixo e arranjam-lhe um estado maior de compadres e para mais o Pimpão couraçado a apregoar as suas delicias!

O mais extraordinario n'isto é a maldita legenda d'este partido que lá vem estampada subrepticamente no orçamento.

O povo pode e deve pagar mais e em quanto se faz esta ameaça vai-se promettendo ao functionalismo a isenção de contribuições. Santa gente.

Morte sentida.—A esposa do nosso amigo Carlos Padua a sr.^a D. Francisca Effigénia Leotte Padua, que acompanhara o seu marido para Coimbra onde fôra cursar, morreu esta semana.

Era sr.^a na flor da vida, extremosa para seu marido e filhos e que gosava das maiores sympathias.

Foi uma noticia muito lastimosa n'esta villa.

Enviamos ao nosso consternado amigo dolorosos pesames.

Industrioso roubo.—Os nossos leitores não de estar lembrados d'um caso de roubo que contámos em tempo se fizera a esposa do dr. Parreira de Távira. Sobre elle se nos depára na *Gazeta* o seguinte:

«Dizem-nos de Távira:—Descobrio-se já o autor d'um furto industrial, feito ao sr. dr. Parreira, de Távira, do qual deu conta o *Correio do Meio-Dia*. E' um rapaz novo da freguezia da Luz, chamado Miguel. Uma nova proeza de que se sahio mal, rendeu-lhe achar-se já na cadeia. Passou-se assim o caso, que lhe foi fatal. Miguel estava n'uma venda na Luz, aonde ouviu a um sujeito dizer que lhe deviam na Fuzeta uns 200\$000 réis, producto da venda d'uma porção de vinho, e que cedo mandaria receber aquella quantia por precisar della. Não foi preciso mais. O nosso heroe apresentou-se com uma carta ao devedor, dizendo que ali o mandavam para cobrar o dinheiro do vinho. Felizmente o homem desconheceu a letra da carta, e declaron que duvidava fazer lhe entrega da quantia pedida. Ovindo isto, Miguel deitou as mãos á carta e fugiu. Este procedimento agravou a desconfiança, que mais tarde se reconheceu ser fundamentada; pois que com a prisão do larapio tndo se descobriu.

Miguel foi depois condusido á presença da sr.^a do sr. dr. Parreira, a qual o reconheceu logo, como o author do furto industrial, que pouco tempo antes a despojára d'algumas libras.

Vê-se que é um rapaz d'esperanças.

Commissão de recenseamento.—

Teve lugar na quinta feira passada a nomeação da commissão de recenseamento eleitoral

d'este concelho para que se reuniram os 40 maiores contribuintes.

O tempo.—Ainda ficámos esta semana sem papel porque de Lisboa nenhuns barcos teem vindo nem o que ha perto de dois mezes tem embarcado o que encomendámos.

Valeu-nos para esta edição o nosso collega da *Liberdade*.

Agradecemos cordealmente.

Escola regia.—Ainda a digna professora regia nos pede hoje espaço para a sua questão com o nosso collega a *Liberdade* e onde a sua justificação é cabal.

No nosso empenho de advogar sempre a causa da justiça, apraz-nos que extranhos venham confirmar a asserção da nossa convicção de que a sr.^a D. Guilhermina estava innocente.

Tambem contamos que o cavalheirismo e nobresa do nosso collega convencido da illusão do seu informador restituirá aquella sr. os creditos de que é credora.

Cortes.—O nosso patricio e talentoso moço de Loulé o dr. Marçal Pacheco tambem apresentou em camaras um projecto analogo ao do sr. Barros e Cunha para o prolongamento da estrada de Lagos a Sagres.

Não é deputado pela provincia este esparangoso cavalheiro mas cremos que ha de zelar com muito empenho a causa dos seus patricios.

Apraz-nos ver sempre dedicções á causa commum dos nossos interesses, embora em grupos adversos na politica militante.

Jornal dos agricultores do Algarve.—Recebemos o primeiro numero d'esta publicação que viu á luz publica na provincia e que se corresponder aos seus bons fins depenhará um papel importante na nossa provincia.

E' uma publicação da sociedade agricola do nosso districto e de cuja redacção foi encarregado o agronomo A. de Souza Figueiredo.

Desejamos-lhe as maiores prosperidades. Agradecemos a offerta e trocamos com a nossa folha.

Divisão judiciaria.—No Alentejo os povos estão descontentissimos com a reforma judiciaria que alterou profundamente o sistema de vida d'aquellas povoações.

Os jornaes das localidades todos os numeroz trazem sua local correlativa.

N'algumas povoações até o rancor que a reforma produziu, levantou odios á monarchia e ouviram-se gritos de viva a república.

E' a ordem dos regeneradores.

O *Pharol d'Oleiros* que defendia o principio da reforma, condemnou agora pela applicação que lhe dão os regeneradores de capciosos injusta e caprichosa pela politica.

Boas coisas d'esta gente!

Cá o Algarve vae esperando a hora da expiação e felizmente que se lhe augmenta o tempo da anciedade.

Quando chegar a nossa vez a vingança ha de ser tremenda.

Se nós temos tantos crimes politicos contra a regeneração!

Aviso.—Já por vezes nós temos sido sabedores de que certos individuos com caracter official se servem da sua posição para nos depreciarem e prejudicar os interesses em abono do nosso collega d'esta villa a *Liberdade*.

Nada nos importa do que contra nós digam adversarios que bem sabemos que temos de valer pelo que fisermos e não pelo que elles nos dispensarem de louvor ou victuperio.

Não podemos tolerar que porque a *Liberdade* defende a politica da situação as autridades desviem de nós os particulares que queiram entregar-nos as suas questões.

Não alludimos ao collega que é talvez alheio a estes propositos, mas aos que para lisongearem não hesitam em commetter d'estas vilesas.

O caso já vae repetido e não reservamos considerações para quem as não guardas para nós.

Quem quer ser respeitado respeita tambem.

Desejaremos não voltar ao assumpto.

Monarchia.—Recebemos este jornal do Rio de Janeiro, folha que defende a colonia

portuguesa n'aquelle imperio.

Taocamos e agradecemos a attenção.

Chuvas.—Continua o tempo a fazer fias aos proprietarios e o desanimo vae grande com taes indicios de anno.

A secca passada foi grande e a d'este anno, se houver, prejudicará uma grande parte do arvoredo do Algarve, que segundo os entendidos, não resistirá a duas seccas intensas successivas.

Os trabalhos nos campos tambem são poucos e a classe proletaria não faz os ganhos que precisa.

Deus afaste um tão grande mal.

COMMUNICADOS

Sr. Redactor

Não era proposito meu voltar mais ao assumpto de que me occupei na carta que tive o gosto de dirigir a v., mas a mercê que me fazem os signatarios do valioso documento que junto envio, impõe-me o dever de o fazer, sendo o meu fim especial agradecer o acto de consideração e justiça que tanto me honra, e que bem mede a grandeza de animo das pessoas que o praticaram.

Se não fôra elle, teria eu de supportar o rigor immerecido da *Liberdade*, e, revestir-me de força e valor para ver correr impunemente o facto que se me assacou.

E devo eu considerá-lo duplamente valioso, quando além de provar a verdade do que assegurei, elle importa um protesto, formal e solemne, contra o que a *Liberdade* disse.

Insistiu aquelle periodico em querer convencer o publico de que o seu informador era incapaz de faltar á verdade. Mereceu-lhe mais confiança a declaração do queixoso do que a minha. Fez bem. Estava no seu direito. E se ainda quizer occupar-se da minha humilde pessoa como disforço de haver o desmentido, pode fazel-o. Talvez porém que não; porque ainda assim e apezar de tudo, tenho obrigação de considerar cavalheira toda a pessoa que redige um jornal.

Dito isto a *Liberdade* e o publico me dispensaram de dizer mais uma palavra sequer sobre um tão desagradavel assumpto.

Servindo-se v. publicar esta minha carta eo documento a que alludo, se confessa agradecida quem é de

V. etc.

Portimão 14 de Janeiro de 1875

Guilhermina Augusta Teixeira da Silva.

Nos abaixo assignados, vendo que pela imprensa se acaba de fazer uma accusação injusta á ex.^{ma} sr.^a D. Guilhermina Augusta Teixeira da Silva, intendemos do nosso dever, em abono da verdade e da justiça, declarar que o supposto facto a que allude é falso.

A criança alguma aquella sr. fez esfregar o chão com o rosto. Assim o asseguramos com o depoimento innocente de nossos queridos filhos em quem confiamos inteiramente.

Além d'isso o conhecimento que tems das excellentes qualidades d'esta sr.^a, a quem está confiada a educação d'esses nossos filhos obriga-nos ainda a assegurar que ella é digna da nossa muita consideração e respeito.

Assim o declaramos n'este documento que temos o praser de depor em suas mãos, Somos com todo o respeito etc.

Portimão 11 de janeiro de 1875.

Antonio Garcia Domingues.

D. Mariaa Barbara d'Andrade do Valle

O general Onofre Lourenço d'Andrade.

Antonio Manoel Rodrigues d'Azevedo

Guilherme Quintino d'Avellar

Marei Hirna Ysolle.

Jean Dugos.

D. Anna Teixeira Biker Barbudo.

Francisco Soares Netto.

Jean Joseph Barik.

Sr. redactor

Portimão, 14 de janeiro de 1875.

No correio de 12 do corrente enviamos para a *Gazeta do Algarve* uma carta da qual remettemos a v. a copia e pedimos o obsequio de a fazer publicar no seu illustrado periodico.

Rogamos este obsequio a v. porque a nossa carta enviada á *Gazeta* nao chegou a tempo de ser publicada do seu ultimo numero, e nós desejamos esclarecer o publico o mais depressa possivel.

Somos de v. etc.

Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa.

Francisco de Paula Marreiros Baptista.

Ex.^{ma} sr.

Vem no numero 106 do seu jornal. *Notas ao texto do folhetim*, entre outras diversas allusões, algumas phrases, que segundo me disseram mesmo antes de aqui chegar a sua folha, se referiam á minha humilde pessoa, mas para mim, passaram completamente desapercebidas ou por falta de bom gosto, se não me imputassem e a outrem um facto absolutamente impossivel. Por estas circunstancias, pois, pegolhe uma pequena rectificação, a que não terei mais que fazer senão juntar a ás honras que tenho recebido, já de v. ex.^a, já de muitos homens de letras do nosso paiz.

Nas alludidas *notas* falla v. ex.^a sr. redactor, em raptio. Ora, é isto um facto que me admirou: Eu raptio?! Parece-me que não pode ser. Eu despedi-me da *Gazeta* no dia 2 d'agosto, pedindo a dispensa dos meus serviços ao sr. dr. Azevedo, porque não queria ser explorado, fazendo par anno e com posição de dois volumes em oitavo, sem augmento de salario ou coisa que se porcesse e n'esta conjuntura dispunha-me a partir para Lisboa; e só depois de oito dias, isto é, em 9 do mesmo mez é que me contratei aqui. Como seria possivel então o raptio?

Falla V. Ex.^a tambem em raptio da segunda *ama*, que melhor merecia ser tratado por *cria*; esta *ama* ou *cria*, offereceu-se, e isto, supponho eu que por um principio muito racional porque ninguem pode dar o que não tem; elle queria aprender a arte typographica; e quem o ensinaria ali?—Concedendo-lhe a sublime faculdade de racinar que a natureza concedeu ao homem, não pensou elle bem?

Um typographo não dole ser em these; nenhum poder imaginario pode fazer um Miguel Angelo ou um Constantino; é necessario uma realidade e conhecimento dos bons tratados, dos bons meiores e escola.

Imaginar um aprendiz sem haver mestre... Isto, segundo as theorias economicas, é querer disfrutar as forças physicas e o capital do tempo a troco d'uma couza illusoria.

A typographia a que pertengo hoje precisou de mais um operario; ora, o meu aprendiz que tinha ficado n'essa cidade, por muitas vezes me manifestará desejo de acompanhar-me para onde fosse; porque, tendo eu sido seu mestre, desejava aprefeioar-se na arte. Se eu fosse para Lisboa, provavelmente elle para lá iria logo que se offerecesse occasião; fiqui no Algarve, houve oportunidade, satisfiz o seu desejo.

Estas são as razões que acarretaram para aqui a segunda *ama cria*, e que apezar do não ser esta feita em publico e razo comigo a assigna, e pede a v. ex.^a, igualmente, a publicação d'estas linhas na sua *Gazeta*, para esclarecimento da verdade e para que o publico fique bem sabendo que nós não somos tão ingenuozinhos que nos deixassemos illudir ao raptio; agradecendo desde já aos nossos redactores a delidadeza de nos acceitarem esta declaração e o obsequio de a fazerem publicar.

Portimão 12 de janeiro de 1875.

Francisc Soares Franco Ferreira Lisboa

Francisco de Paula Marreiros Baptista

ESPECTACULOS

THEATRO DE S. CAMILLO.—(Nesta villa) HOJE 17 do corrente. O drama em 2 actos do sr. dr. Formosinho *Sorrisos e lagrimas* no qual toma parte a actriz de Silves, Maria dos Santos Ferreira.

A comedia em 1 acto *Morte de gallo*.

A comedia em 1 acto *O tio Matheus*.

Principia ás 8 horas.

CASINO PORTIMONENSE

Sexta feira 22 e domingo 24 do corrente

GRANDES BAILES DE MASCARAS

As mascaras do sexo feminino teem entrada gratis. O botequim acha-se abundantemente fornecido. Entrada no baile 200 réis. Galeria 200 rs. 2.^a galeria 200 rs. As portas abrem-se ás 6 e o baile começa ás 8 horas.

N. B.—O baile é nas salas do extincto *Gremio Artistico*

ANNUNCIOS VENDE-SE

A TRIBUNA

QUARTA SERIE

Proprietario e director politico
Antonio Justiniano da Silva Barros

A O lado da imprensa do nosso paiz apresentamos um papel digno da nossa epoca:—a discussão dos principios mais assentes e irrefragaveis da politica moderna, a defeza systematica da ordem, da justiça e do direito, e, além d'isso, a resistencia contra todos e quaesquer ataques ao decóro, á honra, e á liberdade dos nossos concidadãos em qualquer parte do mundo onde elles existam.

Foi desde o principio este o nosso programma, como altamente o temos demonstrado até á 4.ª serie d'este semanario, e como continuaremos a evidenciar-o até ao fim.

Estamos firmes no nosso posto de combate:—não são capazes de desviar nos nem as columnias cobardes d'aquelles, que nos chamarem demagogos, porque a primeira illusão do nosso paiz veiu generosamente coadjuvar-nos, nem tão pouco os scelerados da imprensa do Brasil, porque lhe esculpimos na face o ferrêto da infamia e da mentira.

Presistiremos na liça, embora para isso empenhemos vida e fazenda, porque visamos mais alto do que o interesse proprio, e precisamos de cumprir a nossa missão.

O fim da imprensa é este:—pugnar pelo bem publico e pelos direitos de cada um. Eis a nossa divisa.

de *Tribuna* é semanal, em formato grande, oito paginas, e sahe aos domingos.

A correspondencia deve ser dirigida para a redacção, calçada da Patriarchal, 14, 1.º

ESCRITORIO COMMERCIAL

L. S. P. Mascarenhas previne as pessoas das suas relações commerciaes que o seu escriptorio é na rua Direita n.º 61 nas casas de sua residencia, onde pôde ser procurado todos os dias das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

AGENCIA

DE
jornaes de modas e outras publicações

CORREIO DA MODA

(Edição de senhoras)

Publica-se nos 2, 10, 18 e 25 de cada mez.

Cada numero de 8 paginas de impressão é acompanhado de varios figurinos, debuxos para bordar, e todos os mais artigos pertencentes ao bello sexo.

Preço por anno 8\$000 réis, semestre 4\$200 réis, trimestre 2\$250 réis.

CORREIO DA MODA

(Edição d'alfaytes)

Publica-se uma vez por mez.—Preço por anno 4\$000 réis, semestre 2\$100.

ALBUNS

DE

LETTRES

E debuxos para bordar

Publica-se uma vez por mez.

Preço por anno 5\$000, semestre 2\$550, trimestre 1\$300 réis. Numero avulso 500 réis.

Todos os pedidos de assignaturas para estas publicações acompanhados da sua importancia em valles do correio, serão dirigidos a Manoel Pinto Monteiro, rua do Monte Olivete n.º 37 3.º andar—Lisboa.

MADEIRA DE PINHO

DE VILLA DE CONDE

J. Bernardo Mascarenhas tem á venda boa J. madeira de pinho pelos preços seguintes: Soalho 1 duzia 2\$000. Forro 1\$400. Forro e meio 1\$600.

Faz-se redução nos preços em grandes quantidades.

Vende-se uma vela e cabo usados para serviço n'algum barco.
Quem pretender pode vel-a no armazem de J. B. Mascarenhas na rua da Guarda.

HESPAÑHA E FRANÇA
POR LUCIANO CONDEIRO

VIAGENS

ATENÇÃO

Na redacção d'este jornal se diz quem toma conta de toda a qualidade de roupa branca para fazer e engommar e concertar por preços muito commodos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOITES DE INSOMNIA

Publicou se o n.º 12 pertencente ao mez de dezembro. Preço 200 réis. O anno completo de 1874, 12 volumes 2\$400 réis.
Na livraria internacional, de Ernesto Cherdron, editor no Porto.

BATATAS

QUEM pretender batatas de Hollanda a 300 réis os 15 kilos vá aos armazens de J. L. Gomes em Portimão.

DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencia, membros do clero e magistrados, todo medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA

INFANCIAE

CELEBRES

POR M.^{ma} LOUISE COLET

Tradução
de pinheiro chagas
Ornado com gravuras

A' venda em Lisboa na rua do Thesouro Velho n.º 22.

LUIZ S. P. MASCARENHAS

DEPOSITO EM PORTIMAO

DE tabacos das fabricas Luso-Britanica e Lisboense e Regalia.
Rapê das melhores qualidades. Fazem-se descontos nos preços. Escriptorio na rua Direita n.º 61.

NOVO CURSO

DE

CALIGRAPHIA

Por A. P. Correia

(Director do collegio de S. Paulo)

Preço 160 réis

Vendem-se em casa de Francisco Antonio Correia em Estombar e nas principaes livrarias de Lisboa.

VINHOS DA ULTIMA COLHEITA

Ha uma adega na rua dos Quarteis armazem nas casas do ex.^{mo} sr: capitão do porto. Quem pretender dirija-se a João de Sant'Anna, official de carpinteiro.

BIBLIOTHECA

UNIVERSAL

LIÇÃO AO MESTRE

ROMANCE ORIGINAL

POR A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

Continuando o favor publico a proteger a empresa da *Bibliotheca Universal*, em nada tem os editores esquecido tamanha prova de consideração, procurando satisfazer quanto possivel os desejos dos seus obzequiosos assignantes e leitores.

O nome que esta empresa tem hoje a satisfação de apresentar no alto d'este prospecto é de um dos mais conhecidos e laureados escriptores portuguezes.

Os seus livros, sempre procurados com avidéz, e consumidas rapidamente as edições asseguram exito feliz á nova obra, exito que virá mais uma vez comprovar que não tem sido infructiferos os esforços empregados pelos editores da *Bibliotheca Universal* para implantarem em Portugal o gosto pelos romances nacionaes, cuja decadencia era ha pouco de todos conhecida.

Contém cincoenta e dois capitulos o presente romance. Se em alguns d'elles tem o leitor de admirar a imaginação do author pela fluencia do dialogo e pela complicação do enredo, não terá menos que extasiar-se diante de outros muitos, que primam na pureza da linguagem, tão peculiar nos escriptos do mestre.

Inumeros personagens tomam parte n'este livro, cujas peripecias se encadeiam primorosamente, e captivam a attenção do leitor.

Os acontecimentos succedem-se com a rapidez do relampago, em alguns pontos apparecem verdadeiras figuras historicas dos primeiros annos d'este seculo, e o assumpto principal do romance diz respeito a uma familia conhecida da provincia do Minho, e anda na tradição popular em parte d'aquellas regiões.

Quizeramos falar d'alguns typos, cujas linhas vigorosas os fazem destacar no meio do emmaranhado labyrintho, mas, são elles ainda assim tantos, que occupar nos-hia o espaço de que não podemos dispôr. Aguardemos pois a opinião publica, e esta que ajuze imparcialmente do merito e valor da obra que apresentamos.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A LIÇÃO AO MESTRE dividir-se-ha em dois volumes de 352 paginas cada um, os quaes serão publicados como os anteriores romances, em fasciculos semanaes de 32 paginas.

Preços por assignatura em todo o reino:—Cada fasciculo de 32 paginas 50 réis. Cada volume brochado 550 réis. Obra completa 1\$100. Cada volume encadernado 700 rs. Obra completa 1\$300.

As assignaturas de Lisboa são recebidas no proprio domicilio e pagas no acto da entrega. As das provincias, ilhas e ultramar podem ser feitas em casa dos correspondentes da empresa, a quem deverão ser pagas, ou dirigidas directamente ao escriptorio em Lisboa, rua dos Calafates, 93, devendo n'este caso vir acompanhadas da sua importancia em estampilhas, vales, ordens, etc.

BIBLIOTHECA

DOS

ROMANCES ESCOLHIDOS

Tem por fim esta bibliotheca a propagação de leitura sempre escriptulosamente escolhida, e por preços tão limitados que estejam ao alcance dos menos favorecidos da fortuna.

Publicará, o minimo, um volume por mez, de não menos de noventa e seis paginas de impressão, já dos melhores e mais considerados romancistas estrangeiros, já originaes dos nossos mais festejados escriptores.

O formato será o de oitavo portuguez, bom papel e bom typo.

Não faz a empreza da *Bibliotheca dos Romances Escolhidos*, promessas pomposas; o tempo e a maneira porque hade haver-se com aquelles que a honrem com as suas assignaturas não de mostrar quanto ella será merecedora da protecção, que confia alcançar.

Apenas afiança que á proporção que o numero dos seus assignantes fôr augmentando, assim augmentará o numero de paginas dos seus volumes, melhorando, quanto possivel seja papel, impressão, typo, etc.

Preço de cada volume 100 réis para o assignante.

Avulso 120 réis.

Para a provincia os mesmos preços.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Manoel Pinto Monteiro, Rua do Monte Olivete, 37, 3.º andar, Lisboa.

Está no prelo o intressante romance de Elié Berthet—*O Filho do Uzurario*, traducção de Reynaldo d'Assis.

Está publicado o 1.º volume.

VINHOS

DAS DUAS ULTIMAS COLHEITAS

L. S. P. Mascarenhas, previne os compradores de vinho por grosso, que tem excellentes vinhos da ultima colheita e que estão expostos á venda.

Tambem tem algumas vasilhas de vinho do anno passado, muito bem conservados. Procure-se no escriptorio na rua Direita n.º 61.

Fazem-se vendas a prazos em condições.

ALMANACH DAS ARTES

E

LETTRES

Revista de Portugal e Brazil

ILLUSTRADO COM GRAVURAS

Este Almanach, collaborado por alguns dos nossos mais estimados escriptores, rivalisa, sem duvida, até no custo com as publicações francezas, inglezas e allemãs da mesma indole.

ATENÇÃO

TINTAS liquidas preparadas promptas para emprego immediato. Estas tintas tem uma grande reputação e um enorme consumo.

O facto de estar a fabrica estabelecida desde o anno de 1747, he a mais segura garantia para o consumidor.

Ha deposito em Lagoa na loja de João Lopes dos Reis em latas de 5—2 1/2—1 e meio killo em todas as cores. Preço por cada killo a 400 réis excepto a verde que é a 480 réis.

AVISO

Na construcção da casa de Luiz Mascarenhas á rua Direita se dá a quem pretender, terra de rocha propria para taipas, aterros e outros serviços.

Quem quizer pôde aproveitar-se n'esta epocha em que o dono precisa desfazer-se d'ella.